

**EDUARDO HOORNAERT** é um belga radicado há muitos anos no Brasil. É um reconhecido historiador com vários livros publicados sobre a história da Igreja nos primórdios e do Brasil. Ultimamente tem-se dedicado a uma original leitura dos evangelhos, enfatizando a linguagem e o que nela se esconde em termos de visão de Deus, do mundo e da figura de Jesus. O texto que aqui publicamos pode ajudar a muitos dos que procuram uma orientação religiosa, a partir dos comportamentos invulgares e das palavras corajosas do atual Papa Francisco. Eis um belo resumo dos principais pontos a serem considerados. **LEONARDO BOFF**



o que significa uma  
*Igreja em saída*  
segundo o Papa Francisco

## O Papa Francisco sabe o que diz

O Papa Francisco sabe o que diz, e é exatamente isso que faz com que desencadeie oposição em determinados setores da igreja. No início não se prestava muita atenção ao que ele dizia, pois tem um modo manso e calmo de falar, sem levantar ondas. Assim, por exemplo, não se prestou muita atenção ao discurso do então Cardeal Bergoglio perante os seus colegas cardeais, no dia 9 de março de 2013, poucos dias antes do início do conclave que o elegeria Papa:

*A igreja deve sair de si mesma,  
rumo às periferias existenciais.  
Uma igreja autorreferencial,  
prende Jesus Cristo dentro de si  
e não o deixa sair.  
É uma igreja mundana, que vive  
para si mesma.*

O texto faz parte do livro **‘Grandes Metas do Papa Francisco’**, escrito pelo Cardeal Hummes (Paulus, São Paulo, 2017). Já se pré-anuncia, aqui, a expressão ‘igreja em saída’ que, penso eu, muita gente não entenderá bem. Neste meu artigo, vou tentar colocar esse modo de falar do Papa face a um amplo painel histórico, convencido de que isso ajudará a compreender toda a sua importância.

## Qual o comportamento da igreja católica, desde a Idade Média até agora?

Quando colocadas perante o amplo painel da história da igreja católica, as palavras do Papa adquirem a sua verdadeira dimensão. Temos de recuar até aos séculos XII e XIII, ir até aos três grandes Papas da Idade Média: Gregório VII (1073-1085), Inocêncio III (1198-1216) e Bonifácio VIII (1294-1303). Assim, entenderemos do que se trata. Estes três Papas eram grandes

organizadores, e fizeram com que a igreja se transformasse numa grande empresa, que exercia o seu controlo sobre a vida das pessoas e das instituições públicas. Quem não seguia as regras era excomungado (condenado ao inferno). Estes Papas, e toda a corte que os rodeava, imaginava que o crescimento da instituição cristã implicava, automaticamente, uma maior divulgação do evangelho. Era este o postulado. As autoridades compraziam-se em verificar que a ação da igreja empresa sobre as sociedades se consolidava cada vez mais. Deste modo, a igreja se tornava cada vez mais autorreferencial (para usar as palavras do Papa Francisco), autocentrada, triunfalista, narcisista (outro termo do Papa Francisco). Os líderes eclesiásticos eram valorizados na medida em que se mostravam bons empresários, como o comprova a história dos três pontificados acima mencionados. A eficiência administrativa era cada vez mais valorizada. A igreja estava confinada a um círculo vicioso e não se dava conta disso. Olhava para si mesma e só encarava o mundo a partir de si mesma. O clericalismo crescia exponencialmente, o seu controlo sobre a população aumentava cada vez mais. Quando as autoridades eclesiásticas falavam em ‘reforma da igreja’ (e falavam muito), era sempre no sentido de aperfeiçoar os instrumentos de controlo sobre a sociedade. Tudo era direcionado para esse fim: os sacramentos, as paróquias, as indulgências, as devoções, as peregrinações. Orgulhosa dos seus grandes feitos de engenharia administrativa, a igreja alimentava, nos seus colaboradores, tendências para o carreirismo. Os clérigos eficientes podiam contar com um futuro esplendoroso, inclusive com a aceitação garantida por parte do ‘povo fiel’.

Tudo isto acabou por criar uma neurose que se expressou de forma aguda na tão falada Inquisição. Esta decorria da extrema vontade de controlar tudo, até os recônditos da consciência e da imaginação. Durante séculos, instalou-se na igreja uma mentalidade inquisitorial que se apoderou da hierarquia. Esta mentalidade inquisitorial transformouse num monstro que tudo devorava, não poupando sequer os próprios inquisidores. De facto, muitas vezes, os inquisidores morriam de medo uns dos outros, dado que todos eram potencialmente suspeitos de heresia (os pais, os avós, terão algum dia, andado com um herege ou escutado alguma palavra herética?). Era um inferno. Todos tinham medo de todos, ninguém confiava em ninguém. A história da igreja transformou-se num emaranhado inextrincável de tramas, histórias, intrigas, conspirações e corrupções.

### **Movimentos históricos contrários a esta situação**

Graças a Deus, nos mesmos séculos XII e XIII surgiram movimentos contrários à igreja autorreferencial, que prende Jesus Cristo dentro de si, que 'sequestra' Jesus Cristo. É de destacar, aqui, o movimento franciscano, que teve o cuidado de não se incompatibilizar com a hierarquia, sob pena de ser considerado suspeito de heresia e, desse modo, exposto o procedimento de repressão. Os frades que se juntam a Francisco apresentam-se como auxiliares do clero e, deste modo, conseguem a bênção do Papa Inocêncio III em 1215. Mas nem todos os movimentos têm esta sorte. Os valdenses, por exemplo, recusam-se a colaborar com o clero e ficam, imediatamente, expostos à crueldade da Inquisição. Eram seguidores de Pedro Valdés, um rico comerciante de Lyon que renunciou à sua fortuna e se tornou pre-

gador da pobreza evangélica. Os valdenses são excomungados em 1182 e, dois anos mais tarde, são formalmente declarados 'hereges'.

Até hoje, o franciscanismo permanece um bom exemplo de um movimento que soube reagir contra uma igreja 'ensimesmada'. Não é por acaso que o atual Papa escolheu o nome de Francisco. Claro, é preciso adaptar o espírito franciscano aos dias de hoje, pois não se pode esquecer que a 'vida religiosa', em geral, até há bem pouco tempo, se organizava em torno do paradigma monástico (os 'votos evangélicos' de celibato, pobreza e obediência, a vida em casas separadas, como os mosteiros, os priorados, os conventos e as casas religiosas). Este paradigma orientou, praticamente, todos os movimentos evangélicos durante muitos séculos. Será preciso repensar tudo isto, pois, para quem observa o mundo de hoje, é bem claro que o paradigma monástico já não funciona nestes nossos dias. Oriundo de experiências fortes, entre os séculos VII e XII (os Padres do Deserto), este paradigma assenta em alguns princípios: o isolamento, o 'desprezo pelo mundo' (*contemptus mundi*, como rezam os livros espirituais), o distanciamento face à vida de casados. Para o observador atual, é bem evidente que este paradigma já não funciona hoje em dia. O princípio monástico está em queda livre, embora permaneça muito respeitado. A 'vida religiosa' pode contar com a simpatia da população, mas já não tem a força que tinha antes. Surge como algo do passado, um tipo de vida que pode até suscitar saudades, mas que carece de significado para os dias de hoje. O mesmo acontece, até certo ponto, com a igreja em geral. Fora dos limitados círculos eclesiásticos, não se presta qualquer atenção ao que o Papa ou os

bispos dizem. Não que exista um clima de hostilidade ou rejeição por parte da sociedade, mas não se pode fugir da impressão de que, aos olhos de muita gente, os modos eclesiais de ser e estar, estão, simplesmente, ‘fora de moda’.

### **Um facto inesperado**

Embora esses movimentos em prol da vida evangélica que acabei de evocar, existissem desde a Idade Média, o Papado não arredou pé. Durante todos esses séculos, não se falava em pobreza nos altos escalões da igreja. Era tabu. O Papa não tomava posição. É no âmbito dessa história ‘de longa duração’ que, inesperadamente, duas semanas antes da abertura do Concílio Vaticano II (setembro 1962), numa emissão radiofónica, foi pronunciada, pelo Papa João XXIII, a seguinte frase: *A igreja é de todos, mas é, antes de tudo o mais, uma igreja de pobres.* Dita sem alarde e sem elevação de voz, como se fosse a coisa mais normal do mundo, esta frase, na realidade, interrompeu um silêncio de séculos. Pela primeira vez, a mais alta autoridade eclesial declarava que a pobreza evangélica era um desafio para a igreja. De repente, a fala de Jesus na sinagoga de Nazaré ecoava no Vaticano:

*O espírito do Senhor “está” sobre mim,  
porque me ungiu  
para anunciar a boa-nova aos mendigos;  
enviou-me a proclamar aos presos  
a libertação  
e aos cegos a recuperação da vista;  
a mandar em liberdade os oprimidos. (Lc 4, 18-19).*

### **A reação no Concílio Vaticano II**

Acontece, porém, que as palavras Papais de setembro de 1962 passam, em grande parte, despercebidas. Não são

comentadas nas dioceses nem nas paróquias, não são divulgadas pela grande imprensa nem pela TV, não alcançam o grande público católico, Mesmo os Padres Conciliares, reunidos em Roma ao longo de três anos, entre 1962 e 1965, se mostram pouco interessados. Há, decerto, a intervenção do Cardeal Lercaro que, num discurso na Assembleia, declara que o tema da pobreza mereceria ser o *‘único tema do Concílio’*. O Cardeal é na altura profusamente aplaudido. Mas logo a seguir desce sobre o Concílio o manto do silêncio. Não se fala mais em pobreza na Aula Conciliar. Os bispos continuam a tratar os temas que lhes interessam: reforma litúrgica, ecumenismo, modelo de igreja, dogma, luta contra o comunismo, seminários e casas de formação, moral, perigo da secularização, do protestantismo e do espiritismo. A pobreza não é um tema do Concílio Vaticano II. Deste modo se pode afirmar que o posicionamento do Papa João pertence à ‘história fraca’ do cristianismo, a história da fragilidade evangélica que, mesmo num Concílio que reúne os bispos do mundo inteiro, apenas constitui uma corrente subterrânea.

### **A opção pelos pobres**

É na América Latina que esta corrente subterrânea aflora à superfície. Se o Concílio, em Roma, atribui pouca atenção à questão da pobreza de largos setores da humanidade, não se pode dizer o mesmo da Conferência Geral dos Bispos da América Latina que se realiza em Medellín (na Colômbia) no ano de 1968. Os bispos latino-americanos já não se deixam teleguiar pelo ‘Primeiro Mundo’ (principalmente Europa e Estados Unidos), mas assumem, corajosamente, uma postura de ‘Terceiro Mundo’. Enfrentam a realidade social, económica e política do continente sul-

americano. Fazem uma **‘opção pelos pobres’**. Este slogan não é puro palavreado, mas representa ações concretas: alguns dos bispos mais atuantes em Medellín passam, efetivamente, a optar por uma vida em consonância com o modo de viver comum dos povos da sua terra. Na América Latina, a **‘opção pelos pobres’** continua a ser assumida pela mais alta autoridade eclesial ao longo das últimas décadas, como se verifica em textos proferidos nas sucessivas Conferências Episcopais: Puebla 1979; Santo Domingo 1992 e Aparecida 2007.

### **O vocabulário do Papa Francisco**

Será que, em 2013, os cardeais reunidos em Roma para eleger um novo Papa, entenderam mesmo as palavras que o Cardeal Bergoglio tinha proferido poucos dias antes? Será que eles se lembravam de ele ter sido um importante ator na Conferência do Episcopado Latinoamericano em Aparecida, no ano de 2007, quando era arcebispo de Buenos Aires? Naquela ocasião, ele já se revelara um adepto da linha de Medellín 1968. Seja como for, estes cardeais elegeram Bergoglio como novo Papa.

Logo após a sua eleição, o Papa Francisco assumiu a atitude do Papa João XXIII em 1962. Três dias depois de eleito, exclamou: *Ah! Como eu queria uma igreja pobre e para os pobres. As mesmas palavras surgem, novamente, no documento *Evangelii gaudium* (EG), um dos primeiros que ele assinou: *uma igreja pobre e para os pobres, uma igreja que opta pelos pobres* (EG, 198). Ao longo de sucessivas intervenções, em diversas ocasiões, o Papa vai criando um vocabulário muito próprio: *uma igreja que se movimenta, que faz opção pelos últimos, que vai à periferia, que sai de si mesma* (audiência de 23/03/2013), *que anda pelas ruas* (os*

*‘sacerdotes callejeros’), uma igreja inclusiva, que não exclui ninguém, não autocentrada, não narcisista, que não vive para si mesma, que não é um cartório, uma igreja inteiramente missionária* (EG 34), *discípula missionária* (EG 40), *hospital de campanha, campo de refugiados*. E podemos citar ainda EG 195, 197, 198 ou 199.

A expressão de maior realce, dentro deste novo vocabulário, é uma ‘igreja em saída’:

*Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo: os estilos, os horários, a linguagem, numa atitude constante de saída* (EG 26-27).

‘Igreja em saída’, eis a expressão que resume o posicionamento do Papa Francisco face à ideologia ‘autocentrada’ que predominou na igreja católica durante séculos, e às práticas originadas por esta ideologia.

### **Um novo tipo de presbítero**

Tudo isto é, ainda, muito frágil, e corre o risco de ser levado pela poeira dos tempos, se não surgir um novo tipo de padre. Será que, nestes nossos dias, estamos a assistir à gestação deste novo tipo de padre? Depende muito do futuro das comunidades de base, pois, como argutamente observa Carlos Mesters, ‘não há comunidade de base sem padre’. Então, o importante é substituir, aos poucos, a imagem do presbítero que aparece na comunidade para celebrar missa, administrar sacramentos, abençoar casamentos, executar ritos e liturgias, pela imagem de um presbítero que permanece inserido na comunidade, ao lado de leigos e leigas, que escuta e interfere, de vez em quando, como orientador, ou mesmo como simples companheiro. Uma alteração difícil, a exigir lucidez e determinação, dado que é

sempre mais fácil voltar ‘às painéis do Egito’. Para um presbítero, entenda-se, não é fácil viver esta experiência, pois mesmo os presbíteros de hoje ainda foram formados, nos seminários, para atuar numa Igreja ‘autorreferencial’. Muitos não conseguem mudar de ponto de vista, embora a situação do mundo, das sociedades e das igrejas tenha mudado nos últimos cinquenta anos. Mesmo sabendo que a igreja católica vai perdendo, aos poucos, uma posição dominante na sociedade, os presbíteros sentem dificuldade em se comprometer com uma ‘igreja em saída’. Eis o primeiro ponto.

### **Um novo tipo de leigo/leiga**

Será que na igreja católica estamos a assistir ao aparecimento de um novo tipo de leigo/leiga, que corresponda aos ditames de uma ‘igreja em saída’? Houve, nos últimos anos, diversas iniciativas, com vista a ativar a colaboração de leigos e leigas na qualidade de catequistas, professoras, animadores e animadoras, cantoras e cantores, secretários e secretárias paroquiais, ministros da Eucaristia, diáconos, ministros das ofertas, membros da Legião de Maria, etc. São iniciativas de valor, mas, na perspectiva de uma ‘igreja em saída’, é evidente que têm, apenas, um caráter passageiro. Constituem a passagem entre um laicado totalmente passivo, e o laicado que a *igreja missionária* do Papa Francisco necessita. Mais tarde ou mais cedo, o(a) leigo(a) terá de sair da sua posição de inferioridade e dependência em relação ao clero. Para isso, ele (ela) terá de questionar o caráter corporativo da atual organização eclesial.

E aqui, mais uma vez, poderá ser de grande utilidade um mergulho nas profundezas da memória cristã. Tratei, extensamente, este tema no meu livro

‘**Origens do Cristianismo**’ (Paulus, São Paulo, 2016). Já antes do surgimento do movimento de Jesus, existia, no seio do judaísmo, uma tensão entre a estrutura laical das sinagogas e a estrutura sacerdotal do Templo. O movimento de Jesus não adotou o sistema sacerdotal, mas optou, resolutamente, por um modelo leigo de organização. As primeiras lideranças (bispo, presbítero, diácono) eram leigas, assim como o próprio Jesus fora um leigo. Nos primeiros documentos cristãos encontramos casais, homens e mulheres que trabalham em solidariedade e se reúnem em casas familiares. Para Paulo, um ‘presbítero’ é um pai de família que tem a confiança da comunidade porque governa bem a sua casa (Tit 1, 6-8).

Hoje não verificamos, dentro da igreja católica, senão poucas formações leigas independentes e autónomas, capazes de atuar na sociedade como associações de direito civil, e de defender, dentro dessa mesma sociedade, os valores cristãos. Deste ponto de vista é igualmente preciosa, a colaboração daqueles presbíteros que se mostram dispostos a reassumir a antiquíssima imagem do ‘mestre’, do ‘profeta’ ou do ‘presbítero’, dos primeiros tempos do cristianismo. Mas o mais importante mesmo é formar grupos fortes e coesos, alimentados por leituras bíblicas e outras leituras espirituais (como as Cartas de D. Hélder ou de Mons. Romero, por exemplo), pois não é fácil enfrentar sociedades fortemente influenciadas por valores capitalistas. No mundo em que vivemos, é difícil viver o Evangelho sem o apoio de uma comunidade bem forte.

Em: [eduardoornaert.blogspot.com.br/17/3/2017](http://eduardoornaert.blogspot.com.br/17/3/2017)

<https://leonardoboff.wordpress.com/2017/04/08/o-que-significa-uma-igreja-em-saida-segundo-o-Papa-francisco/> (08.04.2017)

# Oitavário anual da unidade dos cristãos

## Oração da Serra do Pilar no Torne

Oitavário de oração pela unidade dos cristãos com o tema “*TRATARAM-NOS COM INVULGAR HUMANIDADE*” (At 28,29), ano 2020. Celebração conjunta da comunidade do Torne da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica (do Torne) com a da Serra do Pilar, da Igreja Católica Romana (vizinha).

O tema escolhido e depois preparado para a semana de oração pela unidade dos cristãos deste ano 2020 e que hoje duas comunidades celebram juntas, uma da igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica e outra da Igreja Católica Romana, ...

o tema escolhido e depois preparado para a semana de oração pela unidade dos cristãos deste ano 2020 — “*Trataram-nos com invulgar humanidade*” (At 28,29) — foi depois trabalhado pelas Igrejas cristãs das ilhas de Malta e Gozo (hoje uma República independente). É muito curioso e oportuno.

Essas Igrejas do Mediterrâneo central, todos os anos, em 10 de fevereiro, celebram festivamente o naufrágio do barco em que S. Paulo ia, a seu pedido, para Roma (At 27,1ss), a fim de se apresentar ao tribunal de César, pois “essa gente” (os judeus) não me pode exigir que me entregue a ela.

S. Lucas, o autor dos Atos dos Apóstolos, nos capítulos 27 e 28, conta tudo muito bem: ia para Roma, preso, num barco, e às tantas começaram a levantar-se sintomas de tempestade. Os marinheiros em serviço não os levaram a sério, mas logo se “desencadeou um vento ciclónico”. Resultados?: barco à deriva, recursos de emergência de todo o tipo, carga deitada ao mar, dias sem sol e noite sem estrelas que permitissem saber para que lugar o vento os atirava..., totalmente perdidos.

Mas Paulo, já habituado ao mar, levantou a voz e enfrentou a incompetência dos marinheiros que não souberam resistir à tempestade, e a maluquice dos soldados que chegaram a querer matar todos os presos que se apresentariam ao Direito de Roma. E, com a intrepidez de Paulo, “chegaram todos a terra, sãos e salvos” (At 27,44).

“Só depois de salvos é que soubemos que a ilha se chamava Malta. Aí, os nativos trataram-nos com invulgar humanidade. Acenderam uma grande fogueira, junto à qual todos se reuniram, defendidos da chuva que começou a cair e por causa do frio” (At 28,1-2).

Do que aconteceu nos últimos dias — o assassinato do general iraniano Soleimani — logo se perguntou: Roma pode ou deve ser um interlocutor válido entre e para ambas as partes, EUA e Irão?

O Papa Francisco imediatamente fez um apelo ao diálogo pela paz, referindo-se ao “terrível ambiente de tensão”, embora sem aludir diretamente ao conflito entre os dois lados. ... Em tantas partes do mundo sente-se um terrível ambiente de tensão. A guerra traz apenas morte e destruição. Peço que todas as partes mantenham acesa a chama do diálogo e do autocontrolo, esconjurando a sombra da inimizade”, afirmou.

Da América à Ásia, “oremos em silêncio”. É preciso acreditar que um e outro lado, ambos, têm a mesma necessidade de paz. Não se obtém a paz se não se espera por ela.

Tratando-se de duas teocracias (uma teocracia é uma forma de governo em que o poder tem Deus por base) que reconhecem a beleza e a graça do Alcorão islâmico e da Bíblia judaico-cristã, bem como uma rica Tradição, e até uma religião popular que, de ambos os lados, se expressam em festas, devoções e até na riqueza dos seus santos...

Não podemos esquecer o papel fundamental de João XXIII na chamada “crise dos mísseis” em Cuba, em 1962. Nunca como então, ao longo da Guerra Fria, foi tão próxima a sensação de se estar diante do abismo. Kennedy e Khrushchev acabaram por reconhecer que não podiam continuar pelo caminho que levaria à guerra termonuclear.

O Papa, João XXIII, ao reconhecer que a sua intervenção tinha sido determinante na resolução do conflito, resolveu então publicar uma encíclica que apontasse os caminhos para a instauração da paz mundial. Daí surgiu a *Pacem in terris* (11.04.1963), que teve um êxito retumbante.

Agora, ano 2020, logo depois do ataque dos Estados Unidos ao Iraque no 3 de Janeiro passado, o Papa Francisco enviou logo a Trump, Presidente dos EU, e a Khamenei, o líder supremo do Irão, cartas semelhantes às que endereçara já em 2014 a Raul Castro, presidente de Cuba, e a Barack Obama, dos EUA, o que levou ao restabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países.

Entretanto, como não tinha sido ninguém que destruiu o avião em que morreram todos, como disseram os jornais poucos dias depois, “As ruas que gritaram “morte à América” acusam agora o regime [do Irão]” ..., agora só com um “Vivei em paz com todos os homens!” (Rm 12,18), como pediu Paulo aos romanos, embora a paz se não consiga se não a esperamos.

Veio-me aqui imediatamente à memória o que aconteceu na noite de 8 para 9 de Maio de 1989, na igreja de S. Nicolau da cidade alemã de Leipzig...

Dividida a Alemanha em duas — a parte ocidental era a Alemanha livre, e a outra, a *democrática* (assim dita!) ou comunista — o célebre Muro de Berlim fazia a separação.

Na dita igreja de S. Nicolau, havia já desde algum tempo atrás, ao fim da tarde, uma “Oração para a Paz”.

E a Polícia — começou-lhe a cheirar! — começou a controlar e bloquear as ruas que davam acesso à igreja, a controlar as saídas de uma autoestrada que passava ali perto, mas de modo que a igreja ficava praticamente cercada quando decorria a tal Oração pela Paz, ou melhor, e que poucos cristãos conseguiam passar: mas estrangeiros, curiosos, críticos do regime e membros da Stasi (policia secreta da Alemanha comunista), figuras da Igreja e membros do SED (partido comunista), cristãos e não cristãos ...

Como vinha sendo normal, Exército, os piquetes de luta, a Polícia e os agentes à civil da Stasi tinham aparecido e criavam um cenário de agressão assustador. Convocaram até uns mil membros do partido comunista: que viessem para a Nikolaikirche.

No dia 8 de Maio de 1989, às duas da tarde, já estavam 600, na igreja. E durante 10 horas, pessoas de uniforme bateram em pessoas desarmadas e que não se defendiam, levavam-nas em camiões para outros lugares. Centenas delas foram amontoadas em estábulos de cavalos. No artigo de um jornal, afirmou-se que era finalmente altura de acabar com a contrarrevolução, “com armas na mão, se necessário for”.

«O que ninguém pensou foi que nós estávamos todos com a força da palavra do Evangelho.

E foi extraordinariamente espantoso que todos os da Stasi e da SED ouvissem as Bem-Aventuranças do sermão da montanha: “Felizes os que choram, porque serão consolados” (M7 5,4)“, “haveis de rir” (Lc 6,21).

E quando nós, mais de 2.000 pessoas, saímos da igreja – nunca hei de esquecer este momento – havia dezenas de milhares à nossa espera lá fora, na praça. Todos levavam duas velas, duas, acesas; e quando se levam duas velas a arder são necessárias as duas mãos, para que não se possam utilizar armas. Havíamos, sim, de cuidar da luz, e impedir que ela se apagasse.»

E o milagre aconteceu: “Ele derrubou os poderosos do seu trono e exaltou os humildes” (Lc 1,52).

Milhares nas igrejas! Centenas de milhares no centro da cidade!

Nem um vidro partido! A experiência incrível do poder da não-violência!

Na noite do 8 para 9 de Maio de 1989, derrubou-se o Muro de Berlim. Exatamente 50 anos depois de dividida a Alemanha em duas, a ocidental e a comunista.

“Vivei em paz com todos os homens!” (Rm 12,18) mas, atenção, a paz não se obtém se não se espera por ela. “A paz a construir por todas as pessoas de boa vontade é um mergulho no Espírito” (Fr Bento, no artigo de domingo 12 Janeiro).

**Arlindo de Magalhães, presbítero**